

ANTONIO IDÊRLIAN PEREIRA DE SOUSA
(Organizador)

EXTENSÃO



A UNIVERSIDADE PLUGADA
NA COMUNIDADE

EXTENSÃO:
A UNIVERSIDADE PLUGADA NA COMUNIDADE
1º Edição

© 2018 by Antonio Idêrlían Pereira de Sousa
Todos os direitos reservados.

Editoração eletrônica: Editora Itacaiúna

Capa: Antonio Idêrlían Pereira de Sousa

Imagens de capa: Free pik

Conselho editorial

Colaboradores:

Viviane Corrêa Santos

Josimar dos Santos Medeiros

Luis Fernando Cardoso e Cardoso

Editor de publicações

Walter Luiz Jardim Rodrigues

S719i Sousa, Antonio Idêrlían Pereira de.

Extensão: a universidade plugada na comunidade
[livro eletrônico] / Antonio Idêrlían Pereira de Sousa
(Org.) – 1.Ed. Ananindeua: Itacaiúnas, 2018

53p. il: pdf

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-9535-077-9

1. Extensão universitária 2. Indissociabilidade ensino-
pesquisa-extensão 3. Ações de extensão 4. Relatos de
experiencia Título.

CDD – 378.105

O conteúdo desta obra, inclusive sua revisão ortográfica e gramatical,
bem como as imagens, é de responsabilidade de seus respectivos
autores e organizadores, detentores dos Direitos Autorais.

Apresentação

A extensão universitária é preconceituosamente ignorada por muitos no meio acadêmico, ao ser em primeiro lugar associado ao assistencialismo, isto é, prática que marcou o início ao que hoje concebemos com extensão universitária, ela carrega esse estereótipo, o que dificulta até a captação de recursos pela não consideração da significância da prática extensionista, mas com anos de luta se conseguiu ao menos ao nível legal reconhecer e determinar que a universidade seria regida por um tripé, indissociável ensino-pesquisa-extensão, passar a constar na constituição federal foi apenas um passo, pois, de 1988 até hoje a visibilidade da extensão como forma meio indissociável da pesquisa e de se fazer pesquisa, pelo pressuposto de devolver ao pesquisado como resultado uma resposta aos seus anseios, ela ainda se dá de forma insuficiente pela viabilidade ínfima de recursos, mas já ocorre em proporções maiores.

O presente livro busca tratar nesta primeira edição como há extensão em tempos de sociedade da informação e do conhecimento, bem como em tempos de “crise” está se

fortalecendo nos seus princípios, nestes mais remotos tempos esta plugada na comunidade e estes plugues trazem e levam conhecimento, sobe a forma de demandas ou atendimento as demandas, com resultados impressionantes ao conhecimento científico, os saberes das comunidades são o combustível para a vida acadêmica, a extensão como linha direta é o plugue para o papel social da universidade.

Sumário

AS PONTES CRIADAS PELA INFORMÁTICA (Antonio Idêrlían Pereira de Sousa).....	8
AS CONQUISTAS E OS DESAFIOS DA PESSOA IDOSA	9
AS PONTES CRIADAS PELA INFORMÁTICA	15
EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE INFORMÁTICA A PESSOA IDOSA (Antonio Idêrlían Pereira de Sousa, Rute Eliz Vargas Stanieri)	19
A INFOEXCLUSÃO NA CIDADE DE DOURADOS/MS: A EXTENSÃO COMO PRÁTICA AMENIZADORA (Antonio Idêrlían Pereira de Sousa, Prof. (a) Me. Rosenilda Marques da Silva Felipe e Idaiani Pereira de Sousa).....	25
Introdução	26
Objetivo do projeto	28
Metodologia	29
Considerações finais	32
Mulheres de todas as cores que têm o brilho da lua: letramento digital para inclusão e desenvolvimento econômico (Vitória Facundo, Raissa dos Santos).....	35
Introdução	36
Proposta Metodológica das Oficinas de Letramento Digital	41

Fundamentação Teórica	45
Discussão dos Resultados	47
Referências	52

AS PONTES CRIADAS PELA INFORMÁTICA

(Antonio Idêlian Pereira de Sousa)¹

¹ Acadêmico do curso de geográfica da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados

AS CONQUISTAS E OS DESAFIOS DA PESSOA IDOSA

A expectativa de vida da pessoa idosa no Brasil teve um salto tremendo, com um aumento de modo geral na vida dos brasileiros, em 1940, os indicadores apontavam que a idade máxima que poderia se viver era de 45,5 anos, em 2016 os mesmos indicadores apresentaram um acréscimo de 30,2 anos. As condições ocasionadoras desse aumento, são: aprimoramento do saneamento básico, evolução da ciência em especial da medicina, etc., com aumento da expectativa de vida temos e teremos mais e mais pessoas idosas andando pelas ruas das pequenas, médias e grandes cidades. Mesmo com a demora da mortalidade, mergulhamos em vias questionáveis, viver sem qualidade de vida e o mesmo que não viver !?, a população de terceira idade, é refém de inúmeras fatores que dificultam o bem-estar pessoal, como o abandono familiar, maus tratos, falta de afazeres cotidianos, isto é, tarefas da usabilidade e do auto benefício (tricô, caminhadas, conversar, etc.), “O envelhecimento ocorre num cenário de profundas transformações sociais, urbanas, industriais e familiares. A família encontra grandes dificuldades para o desempenho das

funções tradicionais a ela atribuídas, de educadora das crianças e cuidadora dos mais velhos.” (PEREIRA, 2004)

Em nosso país, políticas voltadas ao público de terceira idade, contam com medidas como a Constituição de 1988, que institui direitos ao brasileiro e/ou naturalizados, direitos estes, como a seguridade social (Art.194).

Art. 194. A seguridade social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e à assistência social.

Parágrafo único. Compete ao Poder Público, nos termos da lei, organizar a seguridade social, com base nos seguintes objetivos:

I - universalidade da cobertura e do atendimento;

II - uniformidade e equivalência dos benefícios e serviços às populações urbanas e rurais;

III - seletividade e distributividade na prestação dos benefícios e serviços;

IV - irredutibilidade do valor dos benefícios;

V - equidade na forma de participação no custeio;

VI - diversidade da base de financiamento;

VII - caráter democrático e descentralizado da administração, mediante gestão quadripartite, com participação dos trabalhadores, dos empregadores, dos aposentados e do Governo nos órgãos colegiados. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 20, de 1998)

Com medidas destinadas às condições fundamentais da vida: saúde, à previdência e à assistência social. Inclui-se nesse repertório, a Política Nacional do Idoso, aprovada em 04 de janeiro de 1994 pela Lei nº 8.842, o disposto, na lei na teoria é algo bonito, porém, na prática de forma especulativa não se presencia. Para dar maior severidade a fiscalização de atividades e práticas que façam valer os direitos constitucionais e garantidos por lei o Conselho Nacional do Idoso (CNI), posteriormente a elaboração do Estatuto do Idoso, sancionado no dia 1º de

outubro de 2003 pela Lei nº 10.741, o (Art. 3, inciso I) da lei de política nacional do idoso diz.

Art. 3º A política nacional do idoso reger-se-á pelos seguintes princípios:

I - A família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida;

É forte indagar, mas nenhum país inicia uma atividade sem respaldo, incentivo, “inveja” de outros países e/ou interesses peculiares de alguns setores da sociedade, dentro destas o incentivo por meio de recursos a extensão universitária, tem garantido o desenvolvimento de parcerias e ações voltadas a este público, ações como de prevenção e promoção à saúde física e mental da pessoa idosa. Devemos dar destaque que a inserção da pessoa idosa no meio digital, pois é, a melhor ferramenta para combate a depressão, tanto como forma de evitar aparecimento de doenças mentais, devido à falta de afazeres laborais, evitando também a criação de um sentimento de inutilidade, o primeiro desafio para mesma é a rejeição por

parte deste público do uso das TICs, falta de ações com cunho de ensino-aprendizagem de informática. A UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados) por meio do Programa Terceira Idade vinculado a PROEX (Pró-reitoria de Extensão e Cultura), desenvolve ações para o público e no ano de 2017 teve ações voltadas a inclusão digital de forma experimental, contamos com o depoimento de uma aluna que nos levanta uma discussão, sobre as distâncias que ficam com a terceira idade e como as ações de extensão podem por meio das TICs criar pontes encurtando estas distâncias.

Para Odila Magroganev, de 61 anos, a coisa mais importante do curso foi ter conseguido entrar em contato com primas que moram no interior de São Paulo, que ela localizou por meio das redes sociais. “A gente mora longe, agora pode se falar todo dia. É bom porque passa o tempo e a gente conversa com as pessoas sem precisar sair de casa”, disse ela.²

² COMUNICAÇÃO, Acessória de. Curso de informática ajuda idosos da Vila Cachoeirinha a participar das redes sociais. UFGD., Mato Grosso do Sul, 2017. Acesso em 19-02-2018, disponível em: <<https://portal.ufgd.edu.br/noticias/curso-de-informatica-ajuda-idosos-da-vila-cachoeirinha-a-participar-das-redes-sociais>>

Dicas simples escritas numa folha de papel eram carregadas como um mapa do tesouro por várias participantes. Ali estava um roteiro básico sobre como ligar e desligar o computador, fazer login e abrir um navegador. Novidades que ampliaram os horizontes e animaram a turma. Guilhermina Porto disse até que estava se sentindo mais jovem. “Tô jovem! É uma alegria (...) e que venham mais cursos pra cá, porque a gente não tem como pagar”, disse Guilhermina Porto.³

Imagem 1



Imagem 1: Acessória de Comunicação (UFGD)

³ COMUNICAÇÃO, Acessória de. Curso de informática ajuda idosos da Vila Cachoeirinha a participar das redes sociais. UFGD., Mato Grosso do Sul, 2017. Acesso em 19-02-2018, disponível em: <<https://portal.ufgd.edu.br/noticias/curso-de-informatica-ajuda-idosos-da-vila-cachoeirinha-a-participar-das-redes-sociais>>

Imagem 2



Imagem 2: Acessória de Comunicação (UFGD)

AS PONTES CRIADAS PELA INFORMÁTICA

Comunicação ao pé da letra é a informação transmitida, o ser humano desde que se constitui como ser, sempre desenvolveu esta prática, com ressoar de expressões não verbais, mas que há muito tempo já tinham a intenção de se expressar, no desenvolvimento de táticas de caça, na estruturação das conquistas, por meio de pinturas demonstrar e materializar uma

informação, para a época não se pretendia quem sabe transmitir a outras pessoas, mas sim expressar as conquistas do dia, pois, as rivalidades e/ou inimizades criavam barreiras entre as tribos, comunicar-se com outros diferentes não era a objetivação. Chegando ao homem contemporâneo que já conta com o desenvolvimento “avançado” da fala, comunicar-se com outros vem a se tornar peça fundamental para as relações de convívio, sobrevivência, etc. As barreiras ainda impediam com que a informação, comunicação pudesse abranger várias pessoas, em escala global, já passamos ao desenvolvimento do primeiro computador, dado em 1946 conforme Sousa (2017).

[...] Seu primeiro aparecimento, que ocorreu em meio a 2º guerra mundial, período onde se iniciava seu desenvolvimento, o qual foi denominado ENIAC (Electronic Numerical Integrator and Computer) ou em português (Computador Integrador Numérico Eletrônico), que trazia dentro si inúmeros circuitos eletrônicos capazes de fazer processamentos matemáticos que auxiliava em táticas de guerra, criado em fevereiro de

1946, data na qual já estava em operação.

[...]

Entramos no desenvolvimento da internet, no desarmamento da guerra fria, teve como propulsor o telegrafo, pelo receio da interceptação de dados, o governo dos E.U.A (Estados Unidos da América) criaram a ARPANET - Advanced Research Projects Agency Network), seria ela a responsável por desenvolver tecnologia que proporcionaria com que os dados de guerra pudessem circular. No Brasil a responsável por trazer tal tecnologia foi a EMBRATEL foi responsável também por tornar comercial, mesmo que em fase experimental a internet. Hoje com a expansão proporcionou por formas mais diversas com que a internet chega-se a 58% da população brasileira, montante baixo, sendo o acesso de má qualidade, tendo em vista as localidades onde não se passa fibra ótica, o sinal é propagado por rádio, está propagação e interligação entre pontos criam pontes imaginarias que dado seu desenvolvimento inicial, hoje é utilizada para encurtar distâncias globais em questões de segundos, todavia a população de idosos que hoje tem entre 60 e 70 anos podem nunca terem tido contato com tecnologias da informação, mesmo tendo seu nascimento antecedido a criação do computador e da internet, encontram dificuldades de interagir e participar desse espaço, como

dificuldades interfamiliar de ensino-aprendizagem, a dificuldade de comunicação é uma das causas de problemas como a depressão, tanto como a falta de atividades laborais, dado os altos custos de cursos de informática particulares e a existência de laboratórios de informática mantidos com recursos públicos, instituídos em programas como o CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) a extensão universitária é uma arma forte, com gatilho certo pode beneficiar, inserir e efetivar a qualidade de vida a pessoa idosa, resultados positivos obtivemos na ação citada no capítulo anterior, que com ela pode-se concluir que a inclusão digital só pode ser considerada inclusão quando tratada como política pública de apoio e inserção social, podendo ser promovida pela extensão universitária.

**EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE
INFORMÁTICA A PESSOA IDOSA**(Antonio
Idêrlían Pereira de Sousa)⁴

⁴ Acadêmico do curso de geografia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados.

Ensinar informática para idosos, foi e é uma experiência interessante, muitas vezes os que recorrem e procuram a um curso de informática já estão ou passaram da Faixa etária de 60 anos, eles encontram dentro de seus lares, dificuldades interfamiliares, dificuldades étas que os fazem se distanciar das tecnologias, seja pelo “pouco” tempo dos filhos, descaso dos netos e/ou filhos, descaso este que considero discriminatório, no sentido de abstração do conhecimento os idosos têm pela idade problemas em captação rápida das informações propostas, dificuldades de ligar e desligar um computador, medo que pode ter sido causado por ameaças dos próprios filhos.

À mesma proporção em que aumenta a média de idade da população em todo o planeta, o mundo parece estar ficando cada vez mais tecnológico. Mas a relação entre idosos e eletrônicos nem sempre é das mais amistosas. Saber em que medida isso acontece – e o que influencia a aceitação destas ferramentas [...] (ALENCAR, 2013)

Como abordado no capítulo anterior, muitos idosos se abstêm do uso das tecnologias, por medo, existe a criação de um imaginário interposto pelas barreiras ou como chamamos

fronteiras, um fato que chama atenção é o da miniaturização das letras e palavras, tendo em vista que os “desgastes” da vida nos proporcionam dificuldades, destas a visão pode ser brutalmente prejudicada, a falta de hipertextos alinhada aos problemas de visão são engajadores das barreiras da relação idosos x tecnologia, neste sentido os dados de uma pesquisa da USP realizada com idosos demonstrou pontos quem reforçam a teoria.

Um fator que chamou a atenção no estudo é que os idosos, em sua maioria, demonstram medo ou receio em relação aos aparelhos tecnológicos. Do total dos entrevistados, 24% relataram ter medo de utilizar as novas tecnologias, e 40% relataram ter receio de danificar o aparelho. (ALENCAR, 2013)

As dificuldades com o uso das tecnologias não se atem apenas aos meios interpostos, pelas barreiras do imaginário, em um projeto realizado em 2016 pude notar com o desenvolvimento da ação que o uso de mouse tem sido também um impedimento para que os idosos utilizem os computadores do tipo desktop e notebook, manusear um mouse é algo banal para os nativos digitais, mas para os idosos a coordenação motora influencia significativamente, a aplicação de metodologia diversificada foi a ferramenta que me auxiliou neste desafio, diversificada, pois tanto o grau de abstração de um para o outro é diferente como a questão da coordenação motora, sendo um público de terceira idade o ideal da usabilidade foi o que prevaleceu, do que adianta

passar conceitos técnicos a um público que dele não fará muito uso, ao mesmo tempo, inserindo tal conteúdo?, a resposta é simples, um atendimento individual, com conteúdos voltados para usabilidade e que favoreçam sua comunicação cotidiana em todas as escalas, ações desmistificadoras de cunho de inclusão digital são necessárias, reforçar isto perante as universidades ainda é um desafio.

A terapeuta chama a atenção para a necessidade de mais iniciativas voltadas à inclusão digital que visem desmistificar os aparelhos tecnológicos para todos os interessados e não só para uma classe privilegiada. Ela cita um projeto desenvolvido na FMRP pelo curso de Terapia Ocupacional em conjunto com o curso de Informática Biomédica, e que tem o objetivo de instrumentalizar idosos para utilizarem tecnologias do cotidiano. Isto inclui desde celulares, controle remotos, câmeras digitais, computadores e aparelhos de cozinha até equipamentos de monitoramento das condições de saúde. (ALENCAR, 2013)

Referências

ALBUQUERQUE, Fernando. Expectativa de vida do brasileiro sobe para 75,8 anos. S.I., 2017. Acesso em 19-02-2018, disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/18469-expectativa-de-vida-do-brasileiro-sobe-para-75-8-anos.html>

ALENCAR, Bruna. Pesquisa tenta entender a complicada relação entre idosos e tecnologia. USP ESPECIAL, São Paulo, 2013. Acesso em 05-03-2018, disponível em: <<http://www5.usp.br/35129/pesquisa-tenta-entender-a-complicada-relacao-entre-idosos-e-tecnologia/>>

BRASIL, Governo. Pesquisa revela que mais de 100 milhões de brasileiros acessam a internet. Ciência e tecnologia, Distrito Federal, 2016. Acesso em 20-02-2018, disponível em: <http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2016/09/pesquisa-revela-que-mais-de-100-milhoes-de-brasileiros-acessam-a-internet>

BRASIL. LEI Nº 8.842, DE 4 DE JANEIRO DE 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências, Brasília, DF, 1994. Acesso em 19-02-2018, disponível em: <http://www.imprensanacional.gov.br/mp_leis/leis_texto.as.p?ld=LEI%209887>. Acesso em: 12 out. 2017.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Palacio do Planalto: 1998. Acesso em 19-02-2018, disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>

CANCIAN, Natália. Registros de abandono e violência contra idosos crescem 16,4% no país. Folha de São Paulo., São Paulo, 2015. Acesso em 19-02-2018, disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/07/1658430-registros-de-abandono-e-violencia-contra-idosos-no-pais-crescem-164.shtml>>

COMUNICAÇÃO, Acessória de. Curso de informática ajuda idosos da Vila Cachoeirinha a participar das redes sociais. UFGD., Mato Grosso do Sul, 2017. Acesso em 19-02-2018, disponível em: <https://portal.ufgd.edu.br/noticias/curso-de-informatica-ajuda-idosos-da-vila-cachoeirinha-a-participar-das-redes-sociais>

PEREIRA, Leani Souza Máximo; *et al.* Programa de Melhoria da Qualidade de Vida dos Idosos Institucionalizados. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Belo Horizonte, 2004. Acesso em 19-02-2018, disponível em: < <https://www.ufmg.br/congrent/Saude/Saude143.pdf>>

SOUSA, Antonio Idêrlan Pereira de. A Informática e a Exclusão digital 2º Edição. Biblioteca Vira Lobos., São Paulo, 2017. Acesso em 20-02-2018, disponível em: <https://bvl.org.br/wp-content/uploads/2015/03/A-Infom%C3%A1tica-e-a-Exclus%C3%A3o-Digital-2%C2%B0.pdf>>

**A INFOEXCLUSÃO NA CIDADE DE
DOURADOS/MS: A EXTENSÃO COMO
PRÁTICA AMENIZADORA** (Antonio Idêlian
Pereira de Sousa⁵, Prof. (a) Me. Rosenilda Marques da
Silva Felipe⁶ e Idaiani Pereira de Sousa)⁷

⁵ Acadêmico do curso de geografia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados.

⁶ Docente da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal da Grande Dourados.

⁷ Acadêmica do curso de geografia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados.

Introdução

Vive-se na era da Informação, e a sociedade de maneira geral, sofre as consequências de uma revolução informacional em que todos sofrem os efeitos. A tecnologia da informação passou a permear o dia-a-dia das pessoas, causando mudanças tanto no âmbito pessoal quanto empresarial. Praticamente todas empresas de vendas ou prestação de serviços já se equiparam, adotando sistemas para controle de estoque, PVDs (Ponto de Vendas) computadores instalados com softwares específicos para automatizar as vendas. Mudando com isso a força de trabalho, pois, é necessário que os trabalhadores se qualifiquem para assumirem postos de trabalhos cada vez mais dependentes de tecnologia.

Para Levy (s.d.), a exclusão digital constitui-se na exclusão física ou de conhecimento tecnológico, no que tange ao aprendizado computacional. Não adianta apenas ter um computador, ou o mesmo estar conectado à internet para que o cidadão seja considerado um incluído digital. Segundo FELIPE, SOUSA e SOUZA (2017) A fronteira da sociedade digital está delimitada por um muro, em que de um lado estão aqueles que tem acesso

às tecnologias e fazem uso dela, e do outro, aqueles que não tem acesso, ou que tem acesso, mas não sabem como utilizá-las.

Apesar de as escolas aumentaram gradativamente o número de computadores no ambiente escolar, ainda não conseguindo atingir o número ideal de máquinas por aluno. Não obstante, a existência das máquinas não necessariamente indica que os mesmos têm sido utilizados de forma adequada, uma vez que muitos docentes desconhecem o potencial desse equipamento no sentido de auxiliá-los no processo de ensino.

As políticas públicas de combate a infoexclusão teoricamente demonstram preocupação para com esse problema, mas, na prática, estão longe de alcançar aqueles que se encontram, em condição de vulnerabilidade socioeconômica. Nesse sentido, ações de extensão promovidas pelas Pró-reitoria de extensão da UFGD tem cumprido um importante papel em meio a sociedade Douradense.

“Lidar com a exclusão passa a ser uma questão de competência, e as políticas, assim como as instituições que as executam, podem ser medidas por sua ‘produtividade’, medidas pela eficácia das suas ações. A exclusão deixa de ser um

problema político, e passa a ser uma questão de eficiência administrativa. Sai de cena a luta por direitos sociais, e entra em cena a capacitação técnica.” (FERREIRA, 2002. p. 6 apud BONILLA e PETRO, 2011).

Dourados é a matriz da região conhecida como Grande Dourados. O município fica localizado sul do Mato Grosso do Sul, há aproximadamente 250 km da capital Campo Grande. Fica também a sudoeste de Brasília, há aproximadamente 1.276 km da capital federal.

Objetivo do projeto

O presente projeto de extensão tem como objetivo oferecer curso de informática para infoexcluídos de comunidades da cidade de Dourados em situação de vulnerabilidade econômica. Os locais escolhidos para o projeto foram quatro unidades dos CRAS (Praça da Juventude, Cachoeirinhas, Parque do Lago II, Água Boa).

Metodologia

O público do projeto foi estimado e cadastrado pelo CRAS (Centro de Referência em Assistência Social), a partir dos critérios orientados pelo coordenador, ocorrendo variações de idade, conhecimento, condições socioeconômicas, etc.

Em todo desenvolvimento do presente ano, o projeto pretende atender quatro bairros, na cidade de Dourados, onde cada turma apenas pode comportar dez alunos, não havendo condições estruturais para atendimento de maior número. As aulas são teórico-práticas, cuja prática é intensiva baseada no método de ensino da usabilidade. A apostila é disponibilizada em formato digital.

A primeira etapa de execução aconteceu de 02 de fevereiro à 02 de março, no CRAS da praça da juventude, bairro Parque das Nações II, atendendo crianças entre 10 e 14 anos, cuja média das idades da primeira turma é de 11 anos, conforme a **Tabela 1**. Esta primeira turma tinha um total de 10 alunos, devido à quantidade total de computadores (10 computadores). Os alunos aprenderam sobre história da informática, conceitos básicos de hardware e software, conceitos básicos de periféricos de entrada e saída, fundamentos básicos de Word, Excel, Power point, conceitos básicos sobre internet e navegação e digitação.

Um das características importantes dessa turma foi à homogeneidade da faixa etária dos participantes. Todos lograram êxito nas atividades básicas. Inicialmente o número de máquinas era indiretamente proporcional ao número de alunos, mas esse problema se resolveu com o início da turma subsequente.

A turma I foi composta por crianças, apresentou noções supérfluas sobre computador e a informática, sendo estes conhecimentos inerentes às preferências próprias de cada um, como por exemplo, jogos online. Algumas dificuldades foram encontradas em abordagens como, conteúdo online, produção de textos, busca por conteúdos áudio visuais, reconhecimento de extensão de arquivos, cópia de arquivos para mídias removíveis, etc., nessa turma 80% dos alunos possuíam computador e apenas 20% relataram não possuir, conforme demonstrado na **Tabela 2**.

A segunda etapa de execução aconteceu de 09 de março à 06 de abril, também no CRAS da praça da juventude, bairro Parque das Nações II. O público nesta etapa possuiu faixa etária heterogênea, os participantes foram crianças, jovens e adultos, com idades entre 11 e 21 anos conforme a **Tabela 1**.

O total de participantes dessa segunda turma foi de 10 alunos, devido aos mesmos motivos apresentados anteriormente. Os alunos aprenderam sobre história da informática, conceitos básicos de hardware e software, conceitos básicos de periféricos de entrada e saída, fundamentos básicos de Word, Excel, Power point, conceitos básicos sobre internet e navegação e digitação.

A turma II apresentou um público mais diversificado de idades e conhecimentos, os participantes com idade entre 20 e 21 possuíam algum conhecimento mais específico sobre informática, mas buscava uma oportunidade de aperfeiçoamento para o mercado de trabalho. O índice de alunos que possuíam computador se assemelha ao da turma 1, conforme **Tabela 2**.

Tabela 1: Número de alunos e idade média nas turmas já atendidas

	Nº ALUNOS	IDADE MÉDIA
Turma I	10	11 anos
Turma II	10	14 anos

Fonte: Dados extraídos durante a execução do projeto.

Tabela 2: Número de alunos que possuem computador

	POSSUEM COMPUTADOR EM CASA	NÃO POSSUEM COMPUTADOR EM CASA
Turma I	8	2
Turma II	8	2

Fonte: Dados extraídos durante a execução do projeto.

Todos lograram êxito nas atividades básicas, porém, a turma II foi encerrada com algumas dificuldades, pelo fato do CRAS ter diversificado muito a faixa etária dos alunos, constatou-se certa dificuldade no bom desenvolvimento das aulas, devido à dificuldade de padronização de um vocabulário adequado para todas as faixas etárias. Cada faixa etária demandava um vocabulário diferenciado para um perfeito entendimento. Mesmo assim, ao final, todos qualificaram e a metodologia como satisfatória.

Considerações finais

A ação de extensão em questão recebeu e tem recebido apoio integral da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFGD, esta

que não tem medido esforços, claro que dentro das suas possibilidades, para tentar minimizar a desigualdade social em nosso município. Para isso, tem financiado por meio de editais específicos, ações de extensão tão importantes quanto esta. Este projeto só foi possível mediante a parceria com a prefeitura municipal de Dourados no que tange a utilização da estrutura física dos CRAS.

Durante o período de realização do projeto, foi possível perceber uma evolução significativa dos alunos, com maior interação com a máquina, facilidade na solução de problemas técnicos pertinentes à área, e melhoria na habilidade para uso do computador.

Muito ainda pode ser feito no sentido de minimizar os efeitos da revolução informacional, que mexe de forma geral, na maneira das pessoas viverem em sociedade, esta que está cada vez mais pautada na utilização de novas tecnologias.

Referências

BONILLA, MHS., and OLIVEIRA, PCS. Inclusão digital: ambiguidades em curso. BONILLA, MHS., and PRETTO, NDL., orgs. Inclusão digital: polêmica contemporânea [online]. Salvador: EDUFBA, 2011.

DE SOUSA, Antonio Iderlian Pereira. Analfabetismo Digital na Educação. **EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, Dourados, v. 4, n. 5, p. 52-57, fev. 2017. ISSN 2318-4051. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/ead/article/view/5493/3706>>. Acesso em: 03 maio 2018. doi: <https://doi.org/10.30612/eadtde.v4i5.5493>.

SOUSA, Antonio Iderlian Pereira de. Tecnologias digitais e ensino: o ensino de informática auxiliando no processo de ensino/aprendizagem. **EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, Dourados, v. 5, n. 7, p. 103-109, dez. 2017. ISSN 2318-4051. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/ead/article/view/6223>>. Acesso em: 03 maio 2018. doi:<https://doi.org/10.30612/eadtde.v5i7.6223>.

SOUSA, Antonio Idêrlían Pereira de, FELIPE, R. M. S. et al. *A Informática e a Exclusão Digital*, 2. ed. Independently published. Dourados, MS, 2017.

FELIPE; Rosenilda Marques da Silva, SOUSA; Antonio Idêrlían Pereira de, SOUZA; Idaiane Pereira de. *Fronteiras da Sociedade*. In: Congresso Internacional dos Espaços de Fronteira, 12, 2017, Dourados. Anais online. Dourados, Dez. 2017. 1

LÉVY, PIERRE. *Cibercultura*. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

Mulheres de todas as cores que têm o brilho da lua: letramento digital para inclusão e desenvolvimento econômico (Vitória Facundo⁸, Raissa dos Santos⁹)

⁸ Acadêmica do curso de Sistemas e Mídias Digitais da Universidade Federal do Ceará; Eveline Facundo Paz; Brasil; vitoriafacundom@gmail.com.

⁹ Acadêmica do curso de Sistemas e Mídias Digitais da Universidade Federal do Ceará; Maria da Conceição dos Santos Frota; Brasil; raissadossantosfrota@gmail.com.

Introdução

A disciplina de Educomunicação, do curso de Sistemas e Mídias Digitais (SMD) da Universidade Federal do Ceará, propõe na ementa discussões sobre a relação entre comunicação e educação. Ressalta-se nessa relação a importância do diálogo, da democracia, da cogestão, da criticidade, da liberdade de expressão e acesso às mídias digitais ou não, na perspectiva da emancipação humana, como proposto por Freire (2002) e da transformação do contexto em que se está inserido.

Tais valores fundamentam as ações realizadas para vivenciar a teoria em práticas que dialogam com a comunidade fora da academia, seja em espaços educativos ou não.

A experiência ao ser abordada no presente artigo tem foco nas oficinas de letramento digital realizadas em 2017 pela disciplina de Educomunicação em parceria com ação de extensão com as mulheres da comunidade do Planalto Pici, bairro onde está localizado o Campus do Pici da Universidade Federal do do Ceará.

O Projeto de Extensão “UFC e a Comunidade: Formação de Jovens do Planalto Pici” foi elaborado para trabalhar com jovens do entorno da universidade e na primeira vez que foi

apresentado à comunidade pelas docentes responsáveis, o grupo de mulheres manifestou interesse na proposta. O projeto passou então por adaptações para que as ações de formação fossem destinadas ao grupo *Mulheres de Todas as Cores que têm o Brilho da Lua*, como é identificada a equipe composta por mulheres entre 40 e 72 anos, artesãs, donas de casa, com pouca familiaridade com tecnologia e algumas com dificuldades de leitura e interpretação. O nome do grupo Brilho da Lua - é uma referência ao local em que moram no bairro.

O grupo, que produz bonecas de pano que são comercializadas nos terminais rodoviários de Fortaleza e também em feiras de artesanato, existe há sete anos, tem sede própria e atuação significativa nas redes de economia solidária. As reuniões semanais do grupo, às quartas-feiras, funcionam como espaço de produção, mas também momentos para reflexão de temas como religiosidade, sexualidade e saúde, entre outros.

O objetivo das ações formativas realizadas pela disciplina de Educomunicação e pelo Projeto de Extensão foi promover o letramento digital através de oficinas de caráter educacional que contribuíssem para a inclusão digital e social das mulheres participantes e ainda contribuíssem para melhorar a estratégia de vendas do grupo.

As oficinas tiveram como objetivo ensinar sobre o uso de *smartphones* - desde aspectos básicos ao acesso à internet - buscando também o senso crítico na forma de utilizá-lo, valorizando todo o processo formativo e não apenas o resultado final. Dessa forma, democratizar o uso consciente dos celulares se torna importante à medida que crescem o número de serviços e facilidades oferecidas por meio da internet, especialmente quando se considera o contexto do grupo de mulheres participantes: artesãs que integram redes informais de economia solidária, que se organizam politicamente no âmbito da comunidade e sentem a necessidade de estarem inseridas na cultura digital, atuando também como produtoras de conteúdo para fortalecer uma rede de comunicação entre elas e outros grupos semelhantes.

Este artigo está organizado 4 seções, além desta Introdução. Na próxima seção o grupo de mulheres será apresentado com mais detalhes, seguido da discussão metodológica e na sequência os autores que fundamentam o desenvolvimento do trabalho serão comentados. Por fim, segue a discussão dos resultados e as considerações finais.

O Planalto Pici e o grupo de mulheres

O Planalto Pici, bairro onde está localizada a Universidade Federal do Ceará e onde moram as mulheres participantes das oficinas, era uma região ocupada por sítios até o século XIX e aos poucos, com o processo de urbanização de Fortaleza, muitos negócios locais passaram a ocupar os terrenos. Durante a Segunda Guerra Mundial uma pista de pouso foi construída para uso dos oficiais norte-americanos e funcionou até 1944. Ainda hoje ruínas de edificações do período da guerra podem ser encontradas pela área. O nome do bairro está ligado ao antigo “Sítio Peci”, de propriedade da família Braga e assim nomeado porque o proprietário era um grande admirador da obra de José de Alencar, “O Guarani”, cujos personagens principais eram Pery e Cecy, assim escritos devido à grafia arcaica. Só anos depois o bairro passou a ser identificado como Pici.

A partir de 1980, cerca de 500 famílias ocuparam o espaço e tais ocupações constituíram o que hoje é a área do bairro que tem população estimada em 42.000 habitantes¹⁰ e apresenta Índice

¹⁰http://populacao.net.br/populacao-pici-parque-universitario_fortaleza_ce.html. Acesso em 17 de junho de 2018.

de Desenvolvimento Humano (IDH)¹¹ muito baixo: 0,420. Em 2013, o Pici foi o sexto bairro em número de homicídios dolosos nos cinco primeiros meses do ano, com 24 mortes¹².

A ideia de juntar mulheres na comunidade veio com o início das ações da Assistência Social no bairro. Elas se reuniam para trocar saberes diversos, entre eles, a medicina alternativa que ajudava a curar doenças que eram muito frequentes. Surgiu então o Horto de Plantas Medicinais e a vontade de aprender um pouco mais sobre artesanato para somar às vendas do que era produzido no Horto. Depois de algumas formações dadas pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, as mulheres começaram a trabalhar oficialmente com o artesanato.

Além disso, havia a preocupação de incluir as mulheres de outros bairros, pois elas não se sentiam à vontade para participar quando o grupo se chamava Mulheres da Lua por acabar restringindo apenas às mulheres que ali moravam. Quando o nome mudou para Mulheres de todas as cores que

¹¹<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-apresenta-estudo-sobre-desenvolvimento-humano-por-bairro>. Acesso em 17 de junho de 2018.

¹²<https://www20.opovo.com.br/app/colunas/opovonosbairros/2013/07/1/noticiasopovonosbairros,3090224/pici-de-base-aerea-americana-a-bairro-construido-pelos-moradores.shtml>. Acesso em 17 de junho de 2018.

têm o Brilho da Lua, o grupo ganhou integrantes de outras comunidades.

Visando melhorar a comunicação entre as participantes da Associação das Mulheres, se aproximar da tecnologia se fazia muito necessário nesse momento pois além de as tornarem independentes de seus filhos (as) e/ou neto (as) para realizar qualquer atividade com os *smartphones*, promoveu a inclusão digital e a descoberta de novas possibilidades ao atravessarem um portal, ou seja, um buraco no muro da universidade localizada no mesmo bairro que suas comunidades.

Proposta Metodológica das Oficinas de Letramento Digital

Para o processo foi considerado incentivar a autonomia do indivíduo e a reflexão crítica com relação ao aprendizado como é colocado por Freire (1996) e a valorização da experiência pelos alunos, de tal forma como é por Bondía (2002). Autores que fizeram parte da fundamentação da disciplina de Educomunicação.

Depois de refletir sobre esses aspectos em sala de aula, o primeiro encontro com o grupo de mulheres e as professoras de Educomunicação permitiu identificar os interesses e

necessidades para a formulação da proposta formativa. Depois de elaborada a proposta foi levada aos alunos da disciplina para decidirem se aceitariam ou não participar da experiência - a proposta de formação foi aceita por unanimidade.

Começou-se a planejar o roteiro das oficinas, primeiramente, orientando para a potencialização das vendas dos artesanatos produzidos pelas mulheres que abordavam fotografia de produtos, uso de redes sociais para vendas e como agregar valor ao produto. Porém, surgiram dúvidas por parte dos alunos que iriam ministrar essas oficinas sobre o equipamento que seria utilizado (*smartphone* ou computador), contexto social, faixa etária, etc. Para solucionar isso, as professoras proporcionaram um momento de encontro com elas no Salão São Francisco, onde funciona a sede do grupo, já que é um lugar próximo à Universidade. Esse contato permitiu conhecer algumas ruas da comunidade pois todos os alunos percorreram o caminho a pé. A aula acontecia às quartas-feiras que coincidia com o dia de encontro do grupo de mulheres, então foi possível conhecer o espaço onde se reuniam, os materiais, alguns produtos e ainda fazer um lanche coletivo.

A partir dessa conversa foi possível perceber que o nível de proximidade com a tecnologia era menor do que esperado, até mesmo com o uso dos *smartphones* que apesar da maioria

possuir, ainda sim era difícil realizar funções básicas como finalizar uma chamada. Também foi importante para sanar as dúvidas e receber sugestões para direcionar melhor o conteúdo a ser abordado nas oficinas.

Diante de todas as sugestões e percepções, foi escolhido trabalhar com o *smartphone* pois seria mais acessível por todas. A partir disso, foi replanejado o conteúdo que seria abordado iniciando com o letramento digital que possibilitaria, primeiramente, a compreensão do funcionamento básico do sistema e aplicações do *smartphone*. Entende-se por letramento digital, segundo Freitas (2010), um conhecimento não só técnico de como usar as ferramentas tecnológicas, mas também um conhecimento crítico desse uso e ao se dominar esse novo discurso, permite novas formas de se comunicar, tal processo se assemelha a aprender uma outra linguagem.

O conteúdo foi planejado e repassado com foco na significância dos ícones, tais como a lupa, como ferramenta de busca, para que a assimilação fosse mais rápida. Assim, era explicado o significado das cores e feitas associações dos ícones com objetos do mundo real. As oficinas eram bem práticas, com uma exposição de cada parte intercalada com um tempo para a prática. A ideia era que cada uma das mulheres, ao longo das explicações, fosse experimentando o uso, seguindo as

orientações. Para facilitar o processo, optou-se pela orientação individualizada de modo a que cada uma se sentisse mais à vontade para tirar dúvidas e aos poucos ir ganhando confiança.

Visto que o ritmo do primeiro encontro foi ainda lento, optou-se por dar continuidade ao letramento digital na continuidade do curso seguindo a mesma metodologia. O conteúdo foi dividido em mais três encontros. No primeiro, foi falado sobre bloqueio e desbloqueio do aparelho, chamadas, agenda de contatos, aplicativos de produtividade como calculadora e notas, navegador, conexão de internet, *Playstore*, *Whatsapp* e *Youtube*. A segunda parte foi relacionada a fotografia, explicando as funções da câmera, da galeria e como fotografar produtos. Já a terceira parte foi relacionada ao aplicativo Facebook orientando como fazer *login*, postar fotos, compartilhar, curtir, comentar, pesquisar e marcar amigos e visualizar o próprio perfil. Um grupo no whatsapp também foi criado para estimular o uso e treinar o que era aprendido, além de integrar mais ainda as mulheres com os alunos.

Como trabalho final da disciplina, decidiu-se produzir uma cartilha com os pontos principais abordados nas oficinas pois observou-se que mesmo não querendo ensinar apenas o passo a passo, elas o anotavam. A produção da cartilha tinha o objetivo de consulta caso esquecessem de alguma

funcionalidade mas que mostrasse isso de uma forma mais visual.

No final da manhã, o grupo de alunos era reunido para fazer uma avaliação geral e identificar o que poderia ser melhorado para os momentos seguintes. Entre uma avaliação e outra, os alunos relataram momentos engraçados, emocionantes ou parte da conversa que tiveram com algumas das mulheres.

Fundamentação Teórica

A fundamentação teórica do presente deste capítulo está ancorada na discussão sobre letramento digital, a partir de Freitas (2010), de inclusão digital, de Bonilla e Oliveira (2011) e ainda na perspectiva de Freire (2002), de Demo (2005) e Silveira (2005).

Entendemos que oferecer oficinas na perspectiva da educomunicação significa que consideramos a comunicação como um direito humano. Em linha com Silveira (2005) que defende que hoje, o direito à comunicação é sinônimo de direito a comunicação mediada por computador. Portanto, trata-se de uma questão de cidadania.

Esse letramento digital também pode ser colocado como alfabetização digital, na perspectiva de Demo (2005) como forma de atitude cidadã significando a habilidade imprescindível para ler a realidade e dela dar minimamente conta, para ganhar a vida e, acima de tudo, ser alguma coisa na vida. Em especial, é fundamental que o incluído controle sua inclusão.

É então necessário ir além dos conhecimentos técnicos. O letramento não condiz apenas a aprender a ler e a escrever, mas sim o que se pensa sobre o que é lido e escrito para mudar a sua realidade da forma que julgar melhor, seja para melhorar a comunicação entre pessoas ou para vender produtos na internet, reconfigurando e inserindo outras maneiras de fazer tais atividades no cotidiano.

Portanto, se comprometer com essas oficinas é também reafirmar a importância dada a elas pelas mulheres. Para Morin (2000, p 102), “a missão propriamente espiritual da educação é ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade”.

É na ação, de ambos os envolvidos, uma ação consciente e transformadora para as partes, que compreendemos este trabalho. O processo é fundamental e deve ser relevante quando o grupo visa um objetivo. Soares (2006), diz que para uma ação

ser coletiva é preciso que ela seja, efetivamente, decidida por sujeitos cientes tanto do que ela realmente significa quanto da dimensão dos seus desdobramentos.

É na ação coletiva que a troca de saberes e a interdisciplinaridade acontece, Morin (2000) ressalta a religação de saberes de modo que seja possível articular a cultura das humanidades e a cultura científica, favorecendo novas formas de pensar.

Discussão dos Resultados

A repercussão das oficinas no cotidiano das mulheres participantes foi uma surpresa. Não se tinha a dimensão do que o projeto poderia alcançar, e por isso, inicialmente não se tinha a ideia de documentá-lo a cada encontro. Depois de perceber tantas experiências envolventes e tocantes acontecendo como resultado do trabalho, é que de fato percebemos que era necessário documentar todo o processo, a partir de ângulos diferentes.

Sob o ponto de vista dos alunos da UFC, o projeto proporcionou a extensão de fato como ela deve ser. Depois de

estudos teóricos na disciplina de Educomunicação, foi possível ir a campo com um olhar diferente. Além de praticar todas os aspectos do campo que estava sendo estudado, outros elementos técnicos também foram colocados em prática, como *design* gráfico, narrativas multimídia, *design* e arquitetura da informação, que são assuntos estudados em outras disciplinas. A interdisciplinaridade é uma característica muito forte no curso de Sistemas e Mídias Digitais, e poder relacionar as diversas aprendizagens proporcionadas pelo curso com as práticas da comunidade, fora dos muros da universidade, foi enriquecedor no sentido de ampliar o repertório e pensar em uma comunicação para um público inusitado nos projetos do curso.

O desenvolvimento da empatia e compreensão também foi um dos fatores observado. A dinâmica das oficinas permitiu que os alunos se aproximassem mais dos contextos individuais das mulheres do Brilho da Lua, assim, era possível ir adaptando o discurso à medida em que os encontros iam acontecendo e os alunos e as mulheres ficavam mais próximos. Além disso, a maior reclamação delas era que seus filhos e netos não tinham paciência alguma para poder ajudá-las com o *smartphone*. Por ver a importância de que davam ao aprendizado que estavam conquistando, foi refletido pelos alunos a importância de ter paciência com os familiares em casa também.

Essa aproximação também propiciou refletir sobre a hierarquia entre os que fazem ou não parte de uma Universidade Federal. Por ser uma universidade pública, seria importante ainda mais se trabalhar com a comunidade, considerando que todos pagam impostos e que torna possível o nosso estudo gratuito. Além de valorizar também os saberes daqueles que não estão inseridos nesse contexto da universidade, reconhecendo que elas têm um conhecimento que os alunos não tinham, e vice-versa, mas juntos poderiam aprender mais.

Outro resultado importante referente a base da Educomunicação é a própria cogestão. As professoras proporcionaram o contato inicial, mas os alunos desenvolveram a metodologia, o roteiro das oficinas e se organizaram em equipes para distribuir as atividades. Em algumas aulas houve o momento de conversa para alinhar o que estava sendo feito por todos e discutir o que seria mais adequado ou não a se fazer. Os alunos eram parte importante na construção da vivência e deveriam refletir sobre cada ponto mencionado, religando novamente os saberes que já possuíam. As professoras atuaram mais como problematizadoras dos processos que poderiam ser melhor pensados.

Já para as mulheres, os resultados são imensuráveis, segundo seus próprios depoimentos. Fala-se muito sobre a travessia de

um portal, analogia feita por elas a um buraco no muro por onde passavam para ir aos encontros. Este portal possibilitou a vivência na universidade, ambiente que quase nenhuma delas havia conhecido, mesmo morando na comunidade ao lado. Muitas delas moram há mais de 40 anos no bairro, portanto, a universidade faz parte de suas histórias, até então, como algo inalcançável e fora de suas realidades e até mesmo de seus filhos ou netos. Depois de anos, estarem frequentando esses espaços toma uma dimensão enorme e passam a se sentirem alunas de novo, embora nunca tenham cursado o ensino superior. Tudo isso fez com que elas pudessem ampliar seus horizontes projetando outras participações dentro da própria universidade.

Foi percebido também, através de seus relatos, a inclusão digital como resultado das oficinas. A partir do momento em que tiveram acesso a outros conteúdos para aplicar em suas vidas e compartilhar com outras mulheres. Aprender uma nova forma de se comunicar foi muito relevante pela própria rotina de trabalho que estão inseridas. Até pela proximidade que foi propiciada com familiares que moram longe através do uso do Facebook e Whatsapp.

A independência também foi um ponto alcançado através das oficinas pois a maior das reclamações dessas mulheres era a dependência que tinham dos filhos para utilizar o celular e na

grande maioria das vezes eles não tinham tempo, ou não tinham paciência como já foi citado. Era muito importante aprender a usar o smartphone sem necessitar da ajuda deles. Elas não se sentiam à vontade para mexer sozinhas nas funções de seus *smartphones* por medo de acabar desconfigurando tudo e por isso desistiam de aprender.

Como consequência do aprendizado, foi relatado em como o curso contribuiu também para melhorar a comunicação com suas clientes através das redes sociais e do whatsapp, podendo enviar fotos dos produtos, possibilitando gerar mais renda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tudo, foi possível perceber que o letramento digital, por mais simples que seja para os alunos de Sistemas e Mídias Digitais, foi algo que mudou a concepção das mulheres do Planalto do Pici e ampliou os horizontes. Não só pelo conhecimento adquirido, mas também pela vivência dentro da universidade, que até então não tinha sido experienciada.

Outro fator importante para o aprendizado e assiduidade aos encontros foi a as relações humanas construídas entre os alunos

da disciplina, as professoras e as mulheres da comunidade. Essa empatia promovida pela Educomunicação tornou ainda mais significativo o aprendizado e permitiu se desdobrar uma sede de aprender que tem como consequência um aproveitamento da universidade, também, pela comunidade, promovendo mais oportunidades que podem contribuir em seus desenvolvimento econômico e social.

Uma cartilha foi desenvolvida como trabalho final da disciplina para que possam ser consultados assim que precisarem de um apoio. As oficinas serão continuadas tanto pelo interesse de novas alunas e alunos como também pelo interesse da disciplina que favorece tão fortemente essas experiências que perpassam, como traz Bondía (2002) em seus estudos sobre a experiência.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa; **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002.

BONILLA, Maria Helena; OLIVEIRA, Paulo Cezar. **Inclusão digital: ambiguidades em curso**. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 23-48. ISBN 978-85-232-1206-3. Disponível em <<http://bit.ly/2yjoD57>>.

CAVALCANTE, Andrea Pinheiro Paiva; SILVA, Cátia Luzia Oliveira da. **Aulas de campo e as práticas educacionais: A sala de aula encontra a realidade.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL IBERCOM, 14., 2015, São Paulo. Anais... . São Paulo: Assibercom, 2015. v. 1, p. 1 - 14.

DEMO, Pedro. **Inclusão digital – cada vez mais no centro da inclusão social.** Inclusão Social, Brasília, v. 1, n. 1, p.36-38, mar. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire.** – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

FREITAS, Maria Teresa. **Letramento digital e formação de professores. Educação em Revista,** Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p.335-352, dez. 2010.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SALGUEIRO, Pedro. **Pici: dos velhos sítios à periferia.**

Fortaleza: Secultfor, 2014. Acesso em abril de 2018.

SOARES, D. (2006). **Educomunicação: o que é isto?** Portal

Gens. São Paulo. Recuperado em 20 de janeiro, de 2017, de:

http://bit.ly/2JZ2QEA. Acesso em 14 de janeiro de 2018

SILVA, Helena et al. **Inclusão digital e educação para a**

competência informacional: uma questão de ética e

cidadania. Ci. Inf., Brasília, v. 34, n. 1, p.28-36, maio 2005.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Inclusão Digital: Software**

Livre e globalização contra-hegemônica. Campina Grande:

Parcerias Estratégicas, 2005. 26 p.

O presente livro busca tratar nesta primeira edição como há extensão em tempos de sociedade da informação e do conhecimento, bem como em tempos de “crise” está se fortalecendo seus princípios, nestes tempos remotos esta plugada na comunidade e estes plugues trazem e levam conhecimento, sobre forma de demandas ou atendimento as demandas, com resultados impressionantes ao conhecimento científico, principalmente pela pesquisa-ação, os saberes das comunidades são o combustível para a vida a acadêmica, a extensão como linha direta é o plugue para o papel social da universidade.

ISBN 978-85-9535-077-9



9788595350779